

DELVIS FRANTZ  
SON FANON  
E AS FAUS  
ENCRUZILHADAS  
SILVINO

TEORIA, POLÍTICA E  
SUBJETIVIDADE

11	<b>Introdução</b>
19	<b>1. Por onde começar a ler Fanon?</b>
45	<b>2. Encruzilhadas teóricas</b>
111	<b>3. O (anti, pós, de)colonial e a disputa em torno de Fanon</b>
161	<b>4. Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil</b>
281	<b>Posfácio</b> <b>Frantz Fanon: setenta anos depois</b>
291	<b>Referências bibliográficas</b>
325	<b>Índice onomástico</b>
331	<b>Sobre o autor</b>

# Introdução

*A explosão não ocorrerá hoje. É muito cedo... ou tarde demais.*

FRANTZ FANON, *Pele negra, máscaras brancas*

Por onde começar a ler Frantz Fanon? Quais são os fundamentos de sua teoria? Em que tradições de pensamento ele se inspira? Afinal, ele é anticolonial, decolonial, pós-colonial ou marxista? Seria redutível a uma dessas tradições ou teria inventado uma nova? É possível pensar em vários Fanons ou o melhor seria falar em fanonismos? Como as diferentes perspectivas teóricas a respeito de seu pensamento disputam ou negociam sua herança teórica? E em que medida todas essas perguntas – bem como as respostas aqui oferecidas – podem nos auxiliar na formulação de outras, que busquem enfrentar todas as formas de violência, opressão e exploração? Essas e outras questões serão encaradas nas próximas páginas com o intuito de delimitar as contribuições do psiquiatra e revolucionário martinicano para o entendimento da sociedade contemporânea.

Desde a morte prematura de Frantz Omar Fanon, aos 36 anos, as divergências em torno do que seria o seu legado político levaram ao surgimento de fanonismos diversos e discordantes, que até hoje informam os estudos sobre sua obra. Chegou-se a pensar que essas várias leituras fossem motivadas por uma cisão ou ambiguidade no próprio pensamento de Frantz Fanon. Argumentou-se também que toda tradução é uma traição, portanto cada um leria Fanon – e trabalharia com ele – à sua maneira, sem se preocupar com a fidelidade às ideias originais do autor. Houve também aqueles interlocutores que se apressaram em chamar de “distorção” qualquer interpretação que não fosse a sua própria. A lista de personalidades que se reivindicam fanonianas é tão diversa e divergente entre si que é possível perguntar-se que Fanon é esse que tem circulado por aí.

De todo modo, a ampla procura por sua obra indica a vitalidade de seu pensamento e, sobretudo, maiores abertura e sensibilidade social para os temas delicados e indigestos que ele aborda. Sua crítica radical ao colonialismo, ao eurocentrismo, à internalização da discriminação; a tensa e, ao mesmo tempo, íntima relação entre identidade e diferença; e, sobretudo, como essa relação explicita a importância decisiva do racismo no *complexo de complexos sociometabólicos do capital*<sup>1</sup> têm se apresentado, cada vez mais, como instigantes contribuições às ciências sociais e humanas contemporâneas. Mais do que isso, o que se procurará demonstrar, na presente publicação, é que a análise cuidadosa da recepção póstuma do pensamento de Fanon é reveladora, em primeiro lugar, da diversidade dos pensamentos antirracistas e, em segundo lugar, do fato de esse campo ser simultaneamente objeto e sujeito privilegiado para a tematização dos principais debates teóricos e políticos do nosso tempo.

Este estudo é fruto de uma tese de doutorado intitulada *Por que Fanon, por que agora?: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCAR), em 2015, sob a preciosa orientação do professor Valter Silvério, também estudioso de Frantz Fanon. A delimitação do objeto de pesquisa, bem como as possibilidades de entrada no campo teórico dos estudos sobre Frantz Fanon, foram sugestões do professor Silvério, acatadas inicialmente com bastante desconfiança – já que meu projeto inicial de pesquisa tinha um recorte bastante diferente. Sou muito grato por essa orientação, crucial para que eu tomasse uma das decisões mais acertadas da minha trajetória acadêmica.<sup>2</sup> Esse processo só foi possível pelo fato de, dez anos antes de ingressar no doutorado

<sup>1</sup> Sobre o emprego da categoria lukacsiana “complexo de complexos” para tematizar a relação recíproca (determinação reflexiva) entre capitalismo e racismo, ver Faustino (2021a).

<sup>2</sup> A tese, aprovada com louvor e indicação para publicação, foi laureada, no ano seguinte, com o Prêmio Capes de Tese.

(quando ainda era um militante ativo do movimento *hip-hop*),<sup>3</sup> eu ter sido gentilmente apresentado ao pensamento de Frantz Fanon por dois ícones vivos do movimento negro paulista: Milton Barbosa (Miltão) e Regina Lúcia dos Santos, do Movimento Negro Unificado (MNU).

O livro que a leitora tem em mãos está organizado em quatro partes. Na primeira, completamente inédita, busco responder a uma das perguntas apresentadas com frequência pelos interessados no pensamento de Frantz Fanon, a saber: “Por onde começar a ler Fanon?”. Ao organizar alguns eixos temáticos, como a teoria, a política e a subjetividade, proponho que se comece a lê-lo justamente pelo locus em que emergem as suas contribuições: as *encruzilhadas*. Isso implica, como será demonstrado, encarar as próprias *encruzadas* de quem lê, seu acúmulo teórico, suas motivações afetivas e, sobretudo, seus demônios (Faustino 2020c), já que, como dizia Carl Jung (2012: 7), “qualquer árvore que queira tocar os céus precisa ter raízes tão profundas a ponto de tocar os infernos”.

Na segunda parte, “Encruzilhadas teóricas”, apresento, em linhas gerais, o que entendo serem os três principais eixos do estatuto teórico de Frantz Fanon, a saber: 1. a sociogênese do colonialismo e a interdição do reconhecimento; 2. a teodiceia, a dupla consciência e o duplo narcisismo; 3. as dimensões éticas, políticas e estéticas da luta de libertação. A leitora atenta observará que o procedimento metodológico adotado na coleta e análise dos dados apresentados nessa e nas demais seções estruturou-se a partir da busca pela prioridade ontológica do objeto, tal como proposto por Chasin (2009) e Lukács (2013). Isso não significa, de modo algum, ignorar que todo objeto apenas se constitui como objeto para um sujeito singular, atravessado por mediações históricas, sociais e geográficas particulares.

O esforço metodológico empreendido buscou escavar e extrair da obra de Fanon os nexos próprios ao seu pensamento, o que

<sup>3</sup> Essa história é contada em detalhes em Faustino (2015, 2017b).

colocou, logo de início, a tarefa de empreender uma exegese no conjunto de textos fanonianos disponíveis até o momento do estudo.<sup>4</sup> Esse caminho não impediu, como fica explícito nos títulos e subtítulos propostos, que eu recorresse, sempre que necessário, à mobilização de conceitos e categorias exógenas anteriores ou posteriores a Fanon, a fim de melhor delimitar os elementos identificados. A título de exemplo, Fanon não falou em “dupla consciência”, mas, ao longo da exegese, ficou óbvio o quanto ele é devedor não assumido dessa categoria duboisiana. A noção de “teodiceia”, por sua vez, é empregada originalmente por Lewis Gordon para explicitar as contribuições filosóficas de Fanon. Da mesma forma, “identitarismo branco” é uma tentativa minha de explicar o que está em jogo no universo analisado. Não se trata, portanto, de categorias encontradas no próprio autor, mas ainda assim foram adotadas aqui pelo grande potencial didático que oferecem.

A terceira parte, intitulada “O (anti, pós, de)colonial e a disputa em torno de Fanon”, introduz a tese que estrutura o presente estudo: a disputa em torno de Frantz Fanon. Para tanto, sistematiza a recepção internacional de Fanon, especialmente em língua inglesa, de forma a explicitar: 1. as diferenças, tensões e negociações entre distintas leituras a respeito do que é central e contemporâneo no pensamento de Frantz Fanon; 2. o contraste entre trechos destacados ou refutados em cada uma das tradições teóricas – muitas vezes antagônicas – que reivindicam a continuidade do trabalho fanoniano. Esse caminho exigiu que se combinassem uma abordagem longitudinal da recepção de Fanon, desde a publicação de seu

<sup>4</sup> Esse dado é relevante, porque foi apenas após a finalização da pesquisa que deu origem ao presente livro, em 2015, que se teve acesso a *Écrits sur l'aliénation et la liberté*, conjunto de textos até então inéditos de Fanon sobre o teatro, a política e, sobretudo, a clínica. Por essa razão, ainda que nesta publicação se possam encontrar fartas reflexões sobre racismo, subjetividade e sofrimento psíquico, a perspectiva clínica de Fanon será abordada em detalhes em um próximo livro que pretendo publicar em breve. Sobre os textos dramaturgicos de Fanon, recomendo a leitura de Gayão (2021).

primeiro livro até nossos dias, e uma abordagem transversal capaz de dar conta de explicitar os múltiplos fanonismos. O resultado foi um mapeamento não apenas dos múltiplos fanonismos mas, sobretudo, das teorias antirracistas e dos principais debates teóricos e políticos existentes nas ciências sociais e humanas contemporâneas.

Na quarta parte, esse mesmo procedimento foi adotado na delimitação da recepção brasileira de Frantz Fanon, o que permitiu apresentar o seu percurso histórico e expressões locais particulares e, ao mesmo tempo, partilhadas, no que tange aos debates realizados em outros lugares. O debate sobre quando Fanon chega ao Brasil e a tensão entre raça, classe e nação se destacam na recepção de Fanon no século xx, na medida em que revelam a correlação de forças sociorraciais na produção de conhecimento no país, bem como as diferentes percepções a respeito das clivagens que constituem essa produção. Já no século XXI, a recepção brasileira de Fanon encontra um conjunto de novas perguntas e respostas que permitem, inclusive, a apreensão do pensamento fanoniano em outro patamar.

O desafio sociológico encontrado aqui foi o de apontar elementos comuns em diferentes interlocutores – agrupando-os conceitualmente para, então, perceber suas distinções em relação a outros grupos – sem perder de vista que nem sempre os sujeitos assim classificados se veem ou se reduzem a esses supostos grupos. O critério metodológico para a formação dos “grupos” não foi a autoidentificação teórica ou política, mas sim a forma como cada um lê Fanon, efetivamente, e o que destaca em seu pensamento. Tal abordagem permitiu reunir em um mesmo grupo trabalhos de autores de orientações teóricas distintas, desde que tivessem o mesmo prisma em suas leituras. Por essa razão, em alguns casos, as classificações e os agrupamentos aqui apresentados só fazem sentido se se mantiver em vista a pergunta que orientou a presente pesquisa: o que cada autor reivindica como relevante, atual ou datado no pensamento de Frantz Fanon para a tematização da sociedade contemporânea?

Por fim, cabe alertar que a redação aqui apresentada foi revisada ao longo do inclassificável ano de 2021, seis anos depois de vir à luz como tese de doutorado em sociologia e, sobretudo, durante uma traumática pandemia e uma crise política, econômica e social que ceifaram a vida de milhares de pessoas, em sua maioria daqueles que Fanon descreveria como *os condenados*. Mas esse período foi o mesmo em que, curiosamente, se assistiu a um vertiginoso crescimento do interesse pelo pensamento de Frantz Fanon, expresso por uma grande quantidade de publicações dele e sobre ele. Tais acontecimentos alteraram decisivamente o campo de estudos aqui investigado, quando comparado com o período da primeira redação, o que poderia sugerir a desatualização de algumas teses defendidas em 2015.

A saída encontrada foi indicar os tópicos que exigirão novas pesquisas por conta da mudança no cenário que se buscou fotografar em 2015. Isso não nos poupou de atualizar os dados sobre pesquisas, temas e pesquisadores icônicos que emergiram no campo nos últimos anos e, sobretudo, acolher e dialogar com as críticas recebidas ao longo desse período. Destaco, a título de exemplo, a inclusão de um capítulo com dicas sobre “Por onde começar a ler Fanon?” e de uma seção sobre Lélia Gonzalez, ausentes tanto na tese de 2015 quanto em uma posterior publicação editorial (Faustino 2020a), bem como a incorporação de novos dados que relacionam Florestan Fernandes a Fanon.

Foi feito um esforço, também, para indicar algumas possíveis absorções do pensamento de Fanon pelos estudos sobre a transfobia, o afropolitano, o afropessimismo, a psicanálise, a esquizoanálise e as teorias *queer* e *crip*. Ainda que fosse inviável, no âmbito de uma mera revisão, realizar uma análise mais exaustiva, a simples menção de tais temas já indica uma inédita diversificação e complexificação do campo, a qual exigirá estudos futuros – que, idealmente, possam ser empreendidos com base em uma agenda coletiva de pesquisa. A mudança para o atual título, *Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade*, em síntese, jus-

tifica-se pelo fato de que, sob uma série de aspectos, há aqui um novo texto, mais elaborado editorialmente e mais maduro em termos sociológicos, uma vez que a própria realidade concreta analisada apresentou novos elementos à análise – entre eles, a necessidade premente de afirmar a contribuição do psiquiatra e revolucionário martinicano como um pensamento de encruzilhada. É a partir dessa constatação, inclusive, que a recepção do pensamento fanoniano e as próprias ciências sociais e humanas contemporâneas serão analisadas e problematizadas.

# **POR ONDE COMEÇAR A LER FANON?**

## SOBRE O AUTOR

DEIVISON MENDES FAUSTINO (NKOSI) nasceu em 18 de junho de 1982, em Santo André, São Paulo. Em 2005, graduou-se em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Fundação Santo André (Cufsa) e, em 2010, concluiu o mestrado em Ciências da Saúde/Epidemiologia pela Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), onde estudou os vínculos entre as ações do movimento negro, as políticas públicas de saúde e a saúde da população negra na região do ABC Paulista. Em 2015, finalizou o doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar), com pesquisa financiada pelo Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE) e conduzida como professor visitante no departamento de Filosofia da Universidade de Connecticut (UConn), nos Estados Unidos. Sua tese, intitulada “*Por que Fanon, por que agora?*”: *Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*, recebeu menção honrosa, na área de Sociologia, do Prêmio Capes de Tese da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Concluiu, em 2021, pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (PSC-IP-USP).

Foi consultor do Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa) e lecionou no curso de História da África da Faculdade São Bernardo (Fasb). Na área da saúde e da educação públicas, Faustino participou de projetos de prevenção de DST/aids, militou pela ampliação do acesso à saúde pública e contribuiu para a formação de professores e gestores em Educação das Relações Étnico-Raciais. Publicou, em 2018, *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro* e, em 2019, em colaboração com outros pesquisadores da saúde pública, *As interfaces do genocídio no Brasil: raça, gênero e classe*. Desde 2016, ocupa o cargo de professor adjunto da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no Cam-



pus Baixada Santista, onde também atua como pesquisador do Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares (Nerp) e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab).

Faustino é membro do comitê editorial das coleções Palavras Negras (Perspectiva) e Diálogos da Diáspora (Hucitec) e participa do grupo de pesquisa Laboratório Interdisciplinar Ciências Humanas, Sociais e Saúde (Lichss), do Instituto Amma Psique e Negritude e do Grupo Kilombagem. Dedicase a uma série de temas ligados ao racismo institucional em sua interação com o capitalismo, à saúde da população negra, à psicologia das relações sociais, à produção intelectual de pessoas negras e à educação das relações étnico-raciais.

© Deivison Faustino, 2022

© Ubu Editora, 2022

**COORDENAÇÃO EDITORIAL FLORENCIA FERRARI**

**EDIÇÃO DE TEXTO BIBIANA LEME**

**REVISÃO GABRIELA NAIGEBORIN E LEONARDO ORTIZ**

**CAPA CELSO LONGO**

**PRODUÇÃO GRÁFICA MARINA AMBRASAS**

### **EQUIPE UBU**

**DIREÇÃO EDITORIAL FLORENCIA FERRARI**

**COORDENAÇÃO GERAL ISABELA SANCHES**

**DIREÇÃO DE ARTE ELAINE RAMOS, LÍVIA TAKEMURA (ASSISTENTE)**

**EDITORIAL BIBIANA LEME, GABRIELA NAIGEBORIN, JÚLIA KNAIPP**

**DIREITOS AUTORAIS JÚLIA KNAIPP**

**COMERCIAL LUCIANA MAZOLINI, ANNA FOURNIER (ASSISTENTE)**

**CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU MARIA CHIARETTI,**

**WALMIR LACERDA (ASSISTENTE)**

**GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU BEATRIZ LOURENÇÃO**

**DESIGN DE COMUNICAÇÃO JÚLIA FRANÇA, LÍVIA TAKEMURA**

**ATENDIMENTO LAÍS MATIAS, MICAELY SILVA**

*Nesta edição, respeitou-se o novo*

*Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

F268f Faustino, Deivison

*Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade* / Deivison Faustino. – São Paulo: Ubu Editora, 2022./336 pp.

ISBN 978 65 86497 77 9

---

1. Sociologia. 2. Racismo. 3. Psicanálise. 4. Colonização. 5. Pensamento anticolonial. 6. Frantz Fanon: vida e obra  
I. Título.

---

2022-199

CDD 305.8 CDU 323.14

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Racismo 305.8
2. Racismo 323.14



### **UBU EDITORA**

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora